

## Intransigência do Cruesp leva professores da USP à greve

A intransigência e a falta de sensibilidade dos reitores da USP, Unesp e Unicamp levaram docentes e funcionários a deflagrar a quarta greve dos últimos nove anos (88, 91, 94 e 96). Mesmo reconhecendo que as perdas do ano passado são bem maiores, Arthur Roquete de Macedo (Unesp-presidente do Cruesp), José Martins (Unicamp) e Flávio Fava de Moraes (USP) insistem num reajuste salarial de apenas 7,63%. Com esse "aumento", o salário de maio, creditado no início deste mês, calculado pelo ICV-Dieese, é aproximadamente 18% menor, em valores reais, que o salário de maio de 95. Não bastasse a apresentação de índice tão insignificante, os reitores deram as negociações salariais de data-base por encerrada. O presidente do Cruesp negou nova reunião para debater um novo índice e o reitor da USP viajou para o exterior logo após a deflagração do movimento de paralisação na Universidade de São Paulo.

Cerca de 50% dos docentes da USP paralisaram suas atividades no dia 30 de maio e desde então estão participando de atividades que visam demonstrar descontentamento com o "aumento" proposto pelo Cruesp e em defesa das universidades estaduais públicas do Estado. Em conjunto com o Fórum das Seis, integrado por entidades de docentes da USP, Unesp, Unicamp e Centro Paula Souza, os docentes da USP participaram, nas duas últimas semanas de vários atos (veja páginas 2 e 3).

Na edição do dia 10 deste mês da Folha de S. Paulo, a Adusp publicou manifesto assinado pelo Comando de Greve esclarecendo à população os motivos da paralisação e considerando inaceitável o reajuste de 7,63%. No manifesto, os docentes colocam-se contrários às propostas do governo Mário Covas de continuar congelando as verbas das universidades estaduais e tentar instituir o ensino pago na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), que deverá ser votada na Assembléia Legislativa até o final deste mês.

FOLHA DE S. PAULO

segunda-feira, 10 de junho de 1996 brasil 1 ■ 5

### Manifesto dos Docentes da USP

Os professores da USP em greve desde o dia 30/5/96 esclarecem:

- 1 Consideramos inaceitável, após um ano de salários congelados, o reajuste de 7,63%, que os reitores da USP, UNESP e UNICAMP tentam impor a docentes e funcionários. Os próprios reitores reconhecem que a perda salarial desde maio/95 é de cerca de 19% (IPC-FIPE). O salário dos professores é hoje, pelo ICV-DIEESE, cerca de 40% do de janeiro de 1989! Várias Congregações e Conselhos de Departamento da USP já se manifestaram contra os 7,63%, pedindo a imediata abertura de negociações com as entidades representativas de docentes e funcionários.
- 2 A formação de um docente envolve anos de trabalho, passando pela obtenção dos títulos de Mestre, Doutor e Livre Docente. Este longo processo exige investimentos pessoais e institucionais, não podendo submeter-se à lógica mercantil ou imediatista. Sem este investimento estará comprometido o desenvolvimento científico e tecnológico brasileiro. Em particular, o início da carreira exige remuneração digna. Promessa de campanha do atual reitor da USP neste sentido está cada vez mais longe de se concretizar. É importante registrar que cerca de 40% dos professores da USP têm o chamado "contrato precário", sem direito trabalhista algum.
- 3 Lutamos contra as propostas do governo Covas de continuar congelando as verbas das universidades estaduais e instituir o ensino pago na LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias). Ao contrário do que declara seu Secretário da Fazenda, são a sonegação, a evasão fiscal consentida e a política econômica que constroem as verbas públicas, não as Universidades. A realidade é duplamente perversa: impostos indiretos são mais onerosos para quem tem renda menor; sonegados, cassam o direito ao exercício da cidadania, impedindo que serviços essenciais como Educação, Saúde e Justiça sejam fornecidos justamente a quem pagou, proporcionalmente, mais imposto. Em relação à LDO, esperamos que os reitores da USP e UNICAMP, ao contrário do que aconteceu no ano passado, defendam com energia as universidades estaduais.
- 4 É importante distinguir entre a reitoria e o corpo da universidade. É no trabalho cotidiano que os docentes provam seu apreço pelo ensino e pela pesquisa, contribuindo para o fazer das estaduais paulistas um dos mais importantes centros universitários da América Latina. A maior parte das verbas que sustentam a atividade acadêmica, particularmente nas áreas experimentais e de pesquisa básica, é obtida pela iniciativa dos professores, que apresentam projetos de desenvolvimento a agências de fomento nacionais e internacionais. Não somos nós que fechamos à população o campus da USP no Butantã; que erguemos muros em volta da universidade; ou patrocinamos obras desnecessárias, no lugar de moradia estudantil. Não somos nós que promovemos a diminuição do corpo docente.
- 5 Consideramos a postura intransigente e imperial da atual reitoria da USP inaceitável. É urgente que o reitor da USP empenhe-se na abertura imediata de negociações com as entidades representativas de docentes e funcionários.

Lutaremos, por todos os meios legítimos, contra o aviltamento das nossas condições de vida e trabalho e pela defesa de uma universidade de fato pública, de alta qualidade acadêmica, envolvida na solução dos graves problemas sociais do país.

São Paulo, 5 de junho de 1996  
Comando de Greve da Adusp • Associação dos Docentes da USP

# Retratos da Greve

Nos treze primeiros dias da greve, os professores da USP realizaram diversas manifestações contra os 7,63% de aumento proposto pelo Cruesp, que realizou apenas uma reunião de negociação. Os docentes participaram de Atos na Secretaria de Ciência e Tecnologia e em frente à reitoria da USP, onde queimaram seus hollerits (fotos).

Participaram, também, de Atos na Assembléia Legislativa, em frente à reitoria da Uñesp e em Campinas, na Unicamp.





# Manifestação em defesa do ensino público reúne duas mil pessoas na AL

Cerca de duas mil pessoas entre docentes, funcionários e estudantes da USP, Unesp e Unicamp participaram de um Ato na Assembléia Legislativa (AL), dia 12 de junho, em defesa do ensino público no estado de São Paulo. Após a concentração que ocorreu na entrada principal da Assembléia, os manifestantes seguiram em passeata pela avenida Pedro Álvares Cabral e, de mãos dadas, deram um abraço simbólico no monumento das Bandeiras, nas proximidades do Parque do Ibirapuera. Após a passeata, aproximadamente mil pessoas entraram no prédio da AL e superlotaram o plenário onde os deputados discursavam.

O Ato foi motivado pela emenda do deputado Vaz de Lima (PSDB) —chamado pelos estudantes de Vaz e Lina; trocadilho com nome Vaz de Lima— que pretende instituir o ensino pago nas universidades estaduais paulistas e em defesa de 11% da quota parte do ICMS.

Durante toda a manifestação, inclusive no interior da AL, os professores, estudantes e funcionários das estaduais paulistas gritavam o refrão: “Não, não, não à privatização; na universidade ninguém coloca a mão”. Ainda no interior da Assembléia, um grupo de estudantes cercou o deputado Vaz de Lima e passou a vaiá-lo em consequência da apre-



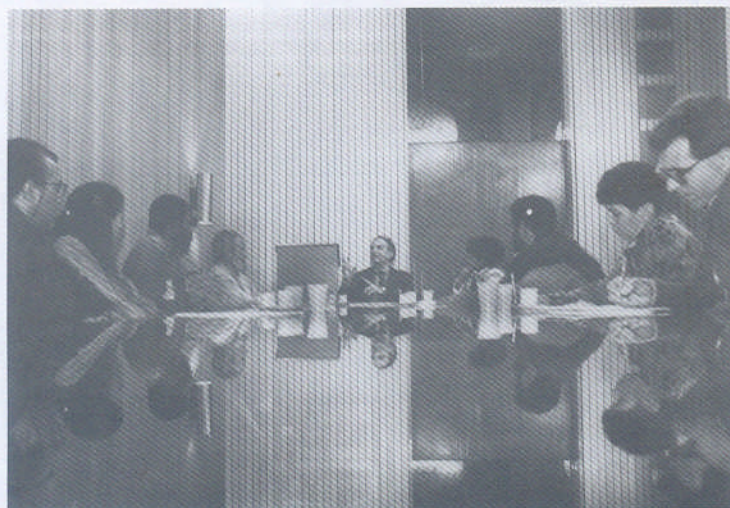
sentação de emenda que implanta o ensino pago na USP, Unesp e Unicamp. O deputado discutiu com os estudantes e, em seguida, entrou para o plenário.

**LDO** - No início da noite, os representantes do Fórum das Seis foram recebidos em audiência pelo presidente da Assembléia Legislativa, deputado Ricardo Trípoli (PSDB) que informou que a Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO) corre o risco de ser votada no mês de julho, uma vez que foram apresentadas 2005 emendas. Com esse nú-



mero de emendas mais os projetos que estão em tramitação é bem possível que a AL não entre em recesso em julho, para votar a LDO. A Lei de Diretrizes Orçamentárias tem de ser votada ainda este semestre para entrar em vigor em 1997.

A audiência com o presidente da Assembléia durou cerca de 20 minutos. Ao final, Trípoli disse que entrará em contato com os reitores da USP, Unesp e Unicamp para conversar sobre a possibilidade de reabertura de negociações. “Evidentemente não estou me comprometendo em negociar a reabertura de negociações, já que as universidades são autônomas, mas me empenharei em conversar com os reitores, disse o presidente da Assembléia Legislativa.



## Adusp

### Diretoria:

Marco A. Brinati, Osvaldo Coggiola, Jair Borin, Heloisa D. Borsari, Valéria De Marco, Primavera Borelli, José Nivaldo Garcia, Antonio César Fagundes, José Marcelino Rezende Pinto, Oziride Manzolli Neto.

### Editor:

Marcos Luiz Cripa vd

### Projeto Gráfico:

Argem Godoy

### Produção Gráfica:

Maria Cristina Walligora e

Luís Ricardo Câmara

Fotos: Danil Garcia

### Secretaria:

Rogério Yamamoto

Alexandra Carillo

### Distribuição:

Marcelo Chaves

Walter dos Anjos

Tiragem: 6.500 exemplares

Periodicidade: mensal

Filmes: Bureau Bandeirante

Impressão: Gráfica Perez

Adusp-S.Sind.: Av. Prof. Luciano

Gualberto, trav. J, nº 374

Cid. Universitária - São Paulo - SP

CEP 05508-900 - Tel: (011) 813-5573

Fax: (011) 814-9321

e-mail: aduspsp@org.usp.br